



RIO DE JANEIRO A CIDADELA DO ATLÂNTICO SUL

Aspirante Victor Teles Pimenta

INTRODUÇÃO

A cidade do Rio de Janeiro é hoje conhecida mundialmente, mas nem sempre teve esta proeminência. Para um viajante do início do século XVII, pouco ou nada de especial (fora a belíssima paisagem) teria sido notado no local. A administração da colônia estava em Salvador e a riqueza do açúcar em Pernambuco.

O que transformou o Rio, inicialmente uma pacata cidade colonial, em uma grande metrópole do mundo português? Uma explicação simplista poderia atribuir ao progresso trazido pelo ouro de Minas ou pelo status de capital, adquirido em 1763, como a causa, mas será que não haveria antecedentes mais antigos?

São estas questões que buscarei responder neste artigo, focando no paralelismo entre o valor militar da cidade e sua evolução política desde sua fundação até sua transformação em sede da Coroa Portuguesa e, depois, na capital do Brasil independente.

O “RIO DA GUANABARA”

O atual Rio de Janeiro, visitado pelos portugueses pela primeira vez em janeiro de 1502, teve como primeiro atrativo a Baía de Guanabara, que, graças a sua peculiar geografia (uma barra estreita e um interior largo), serviu desde muito cedo como ancoradouro para navios europeus na exploração do continente. A viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães, por exemplo, passa dez dias na Guanabara, que, com o tempo, se estabelece como última escala antes do interior do continente, aonde se chega, via Rio da Prata, às riquíssimas minas de Potosí, exploradas desde 1545. Assim, mesmo antes de sua fundação, está clara a localização militarmente estratégica da baía às margens da qual a cidade do Rio nascerá.

Desde a Descoberta, corsários europeus infestam o litoral do Brasil. Reconhecendo a grave ameaça de perder seus territórios americanos e sem dinheiro para

vigiar uma costa tão extensa quanto à brasileira, Portugal só viu uma saída para o dilema: povoar o território. Portanto, em 1530, Martim Afonso de Souza é nomeado governador da terra do Brasil e zarpa para a América a fim de solidificar as possessões portuguesas. Chega ao Novo Mundo e rumo para o sul, até a Baía de Guanabara, onde fica por quatro meses. Nesse período, os portugueses constroem uma casa de pedra, ao lado de um rio que os índios por isso passam a chamar de Carioca (Casa de Branco), futuro gentílico dos habitantes da cidade do Rio.

Após o regresso de Martim Afonso e a implantação das capitâneas hereditárias, o esforço de colonização se concentra no Nordeste. Os franceses aproveitam a situação e fazem da área entre a Baía de Guanabara e o Cabo Frio a maior escala de corsários do Brasil. Os portugueses, isolados na recém-fundada São Vicente, não conseguem lhes fazer frente e pedem ajuda de Lisboa, que responde criando, em 1549, o Governo-Geral, com sede na cidade de Salvador, fundada especialmente para servir de capital do Brasil. Contudo, a distância desta para o sul do país faz com que as atividades francesas praticamente não sejam afetadas. Ao viajar para as capitâneas do sul, em 1552, o governador Tomé de Sousa é dissuadido de desembarcar na Guanabara em temor aos índios tamoios, aliados dos franceses contra Portugal.

OS FRANCESES NA GUANABARA O NASCIMENTO DO RIO

É nessa situação de abandono da Guanabara que os franceses a ocupam. Em 1555, o francês Nicolas Durand de Villegagnon, Cavaleiro de Malta e Vice-Almirante da Bretanha, chega ao Brasil para fundar a colônia denominada França Antártica. Ele aporta na Baía de Guanabara na ilha chamada pelos índios de Serijipe, atualmente denominada Ilha de Villegagnon em homenagem ao Almirante francês. Contudo, conflitos religiosos entre católicos e calvinistas levam Villegagnon a voltar à França em busca de reforços. Esse vácuo de poder dá aos portugueses a oportunidade para o contra-ataque.

O novo Governador-Geral, Mem de Sá, organiza uma expedição para atacar os franceses, chegando à Guanabara em março de 1560. Uma batalha se desenrola quando os portugueses cercam o Forte Coligny, na Ilha de Serijipe. Por fim, exaustos e sem mantimentos, os franceses se retiram para o continente com seus alia-

dos, os tamoios. Contudo, Mem de Sá não possui os meios necessários para efetuar uma busca no continente atrás de seus inimigos e se limita a arrasar o Forte Coligny e destruir uma aldeia tamoia como represália. Contudo, assim que o Governador parte, os corsários franceses voltam à região. A respeito disso, o jesuíta Manuel da Nóbrega, escreveria:

Esses franceses permaneceram entre os índios e esperam socorro da França [...]. Parece-me necessário povoar o Rio de Janeiro e fundar aqui uma outra cidade como a da Bahia, graças à qual tudo fica mais garantido, tanto a capitania de São Vicente quanto a do Espírito Santo, que atualmente estão bem enfraquecidas, os franceses seriam definitivamente expulsos e os índios, mais fáceis de sujeitar.¹

Mem de Sá concorda com tal pedido e envia seu sobrinho, Estácio de Sá, a Lisboa, para buscar navios de guerra e colonos para fundar uma cidade na Baía de Guanabara.

Assim, a 1º de março de 1565, Estácio de Sá desembarca entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar e funda a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A colônia se desenvolve como pode, mas a região é insalubre e os mantimentos exíguos. Ataques tamoios são repetidamente lançados contra a cidade, que cidade resiste como pode até que Mem de Sá retorna com reforços. O poderio dos franceses e aliados tamoios na Guanabara é definitivamente quebrado com a tomada de seu reduto, na atual Praia do Flamengo.²

Portanto, fica claro que é a ferro e fogo que a cidade se estabelece em seus primeiros anos de vida, em oposição a São Vicente, cuja instalação foi facilitada pela aliança com os indígenas. Também pela via militar, a cidade prosperará em seu primeiro século de vida, como veremos a seguir.

SOB O SIGNO DOS CORREIA DE SÁ

Mem de Sá fica mais um ano no Rio organizando a colônia que, livre de perigos, é transferida para o Morro do Castelo. Voltou a Salvador, deixando a cidade sob a direção de Salvador Correia de Sá, o Velho, irmão de Es-

¹ ENDERS, A. (2008). *A História do Rio de Janeiro*. 2ª edição, GRYPHUS. Rio de Janeiro.

² Nas proximidades do monumento a Estácio de Sá.



Salvador Correia de Sá e Benevides, Governador do Rio de Janeiro

tácio. Os Correia de Sá por muito tempo comandariam os destinos do Rio de Janeiro. Em 51 dos 91 anos entre 1565 e 1662, o governante da cidade foi da família de seus fundadores, em um caso único no Brasil colonial, já que eles eram oficiais da Coroa e não donatários com direito de passar suas terras a seus herdeiros.

Se na história brasileira, os bandeirantes paulistas estão marcados como os desbravadores dos sertões, o Rio teve sua face exploratória quase esquecida. Mas os cariocas fizeram, em larga medida, um trabalho análogo ao dos bandeirantes no litoral Sul do país. Já em 1575 uma expedição militar sai da cidade e expulsa para o interior todos os tamoios do litoral fluminense. Lá eles ficarão a míngua até resolverem retornar ao litoral, o que, em temor aos portugueses, só o fazem na altura de Santos, ameaçando São Vicente. Numa grande mostra de seu avanço econômico-militar, é do Rio que parte a armada de socorro, liderada por Martim Correia de Sá, filho de Salvador, o Velho. Para se ter uma noção da dimensão do conflito, na batalha que se segue, 10 mil índios são mortos e 20 mil escravizados, pondo fim a tribo dos tamoios.

Ao longo do século XVII, fica cada vez mais clara a proeminência que a cidade do Rio de Janeiro possui

em relação ao Sul do Brasil (sendo, inclusive, capital nos períodos de 1572-78 e 1608-12). Esse período é também de União Ibérica, da qual o Rio se beneficia passando a ser centro de uma ampla rede de comércio no Atlântico Sul, com o comércio de escravos na África e um lucrativo intercâmbio com a Bacia do Prata.

Os Correia de Sá reproduzem essa interação com a América Espanhola, ao se casarem por duas gerações (Martim Correia de Sá e seu filho, Salvador Correia de Sá e Benevides, o Moço) com distintas senhoras castelhanas. Assim, por ocasião da Restauração Portuguesa, em 1640, não é sem razão que a Coroa Portuguesa teme perder o Sul do Brasil para a Espanha. Mas Salvador, o Moço, declara-se fiel ao Rei de Portugal, D. João IV, caindo nas suas graças. Este, envolto em guerras com Espanha e Holanda, solicita conselhos ao Governador do Rio, que sugere a organização de comboios entre o Rio, Salvador e Lisboa, para combater os corsários holandeses, e a organização de uma expedição para retomar Angola, fonte dos escravos africanos. Os comboios são um sucesso, tendo o próprio Salvador liderado o primeiro a partir da capital fluminense, mas a expedição saída da Bahia para retomar Angola é um desastre.

D. João IV então confia ao próprio Salvador a missão de retomar aquele país, mas uma trégua com a Holanda impede a expedição de ser organizada de Portugal. Salvador decide então baseá-la no Rio, onde chega com apenas dois navios, que seu soberano lhe pôde confiar. Ele mobiliza toda a cidade para a empreitada: de jesuítas ávidos pelo ataque ao inimigo calvinista a fazendeiros necessitados da mão de obra escrava. Constrói, na Guanabara, os navios de guerra que lhe faltam, equipa-os com armamentos da atual Fortaleza de Santa Cruz e, no transcorrer dos anos de 1648-49, ao mesmo tempo que os pernambucanos travavam as Batalhas dos Guararapes, cruza o Atlântico com sua frota, acabando por expulsar os mesmos holandeses de Angola, um feito pouco lembrado, mas extremamente difícil e importante, custeado e organizado a partir de um Rio de Janeiro, em nada beneficiado pelo futuro ciclo do ouro.

Coberto de todas as honras, Salvador acaba por retornar ao Rio de Janeiro, em 1660, e patrocina ativamente a construção naval na cidade, na ilha dita *do Governador* (pelas terras que ele lá possuía como herança de sua família), mais exatamente na ponta *do Galeão* (que hoje abriga a base aérea e o aeroporto homônimo)³.

³ Nome atribuído ao lugar graças à construção lá realizada do Galeão "Padre Eterno", então o maior navio de guerra do mundo.

Contudo, logo após uma população já cansada da proeminência dos Correia de Sá, cujo patrimônio era extremamente vasto graças aos benefícios que eles mesmos se atribuíam, rebela-se. Acusado de corrupção, Salvador teve de retornar a Europa, nunca voltando ao Brasil, apesar de permanecer com honras na Corte Portuguesa. Chegava ao fim o domínio dos Correia de Sá sobre o Rio de Janeiro.

RIO DA PRATA, MINAS DE OURO E OS CORSÁRIOS DA FRANÇA

Se os Correia de Sá não mais mandavam na cidade, o caminho que eles indicaram, ao organizar expedições navais a partir do Rio de Janeiro, seria muito utilizado nas décadas seguintes. É o governador carioca que funda a *Colônia do Santíssimo Sacramento* em 1680, na margem esquerda do Prata. Além da histórica pretensão portuguesa de dominar a região, a expedição também se justifica pelo interesse da burguesia carioca em recuperar sua participação no comércio platino existente durante a União Ibérica. Será do Rio de Janeiro que Portugal irá apoiar a sua Colônia no Prata durante toda sua existência.

Enquanto os cariocas tentavam colonizar o Prata, finalmente se descobre ouro no Brasil. Ao findar o século XVII, numerosas jazidas são encontradas no território do atual estado de Minas Gerais. Apesar de perder o território das minas, desmembrado para melhor controle fiscal e militar e da escassez de mão-de-obra, agora toda direcionada para a exploração das minas, a cidade é escolhida pela Coroa como o porto a centralizar as relações comerciais entre a metrópole e a zona aurífera. Conhece assim, enorme expansão econômica e demográfica e consolida-se como a cidade mais importante da América Portuguesa. Contudo, tal prosperidade também coloca a cidade como presa cobiçada pelos inimigos dos portugueses.

Façamos agora, uma breve análise das fortificações da cidade no início do século XVIII: no meio da barra da Baía de Guanabara, a Ilha da Laje obriga os navios a passarem perto de uma das margens, onde fortificações guardavam a passagem exatamente como hoje, à direita a Fortaleza de Santa Cruz e à esquerda a Fortaleza de São João. Além dessas havia também fortes na Ilha de Villegagnon, na Ilha das Cobras⁴ e outras de menor envergadura. Trata-se de um sistema defen-



Ataque português ao Forte Coligny, Ilha de Villegagnon em 1560. A boca da barra está no inferior da imagem

sivo poderoso. Quando Portugal entra em guerra com a França de Luís XIV, os corsários franceses, embora sobrepujados pela Marinha britânica em alto-mar, eram especialistas em incursões contra cidades litorâneas. Em 1710, o Capitão-de-Fragata Jean-François Duclerc, a frente de seis navios, tenta forçar a entrada da barra, mas é repellido pela Fortaleza de Santa Cruz. Decide, então, desembarcar em Guaratiba, de onde segue a pé até a cidade onde é derrotado após ferrenhos combates na atual Rua Primeiro de março. Essa vitória, contudo, faz com que os cariocas subestimem a ameaça francesa.

No ano seguinte, uma frota de 17 navios chega ao Rio sob o comando do Almirante René Duguay-Trouin. Ousadamente, Trouin aproveita-se da cobertura de uma manhã com névoa, entra em linha na Baía e passa incólume pelas fortalezas. Os poucos navios portugueses no porto são postos fora de combate, a Fortaleza de Villegagnon explode sob o fogo dos canhões franceses (somente será reconstruída em 1759, sendo desta o pórtico que se encontra na Escola Naval), a cidade é bombardeada e o governador foge. Mas Trouin não encontra o ouro das Gerais e reforços trazidos do interior se aproximam. Ainda assim, o governador prefere negociar um pesado resgate a arriscar a destruição da cidade. Apenas três dias após a partida dos franceses os reforços chegam ao Rio, mas era tarde. A Batalha do Rio de Janeiro já havia entrado para a história como o “*o último feito imortal da marinha de Luís XIV*”.⁵

⁴ Fortaleza de São José, atual sede do Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais (CGCFN).

⁵ Guarda-Marinha Du Plessis-Parseau, que serviu sob as ordens de Trouin no ataque ao Rio.

NASCE UMA CAPITAL

A cidade se desenvolveu rapidamente até meados do século XVIII, quando a riqueza das minas atingiu sua plenitude. A frente pioneira do Sul, povoada em grande parte graças à criação do gado necessário para alimentar a região aurífera, também terá grande impulso. O Rio de Janeiro exercerá um papel importante nessa região, principalmente durante o governo de Gomes Freire de Andrade (1733-63). Gomes Freire tem sua autoridade estendida a Santa Catarina e Rio Grande logo no início de seu governo, passando a dirigir a ocupação daqueles territórios. É a partir do Rio que a Coroa portuguesa tenta ligar Sacramento ao resto de suas possessões americanas, fundando as cidades de Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis) e Rio Grande como entrepostos marítimos na viagem do Rio de Janeiro a Sacramento. Os espanhóis acabariam por se antecipar a esse movimento colonizando toda a banda oriental do Rio Uruguai, isolando o posto português no Prata.

Nesse contexto, em 1750, é assinado o Tratado de Madri, onde Portugal cede sua colônia platina à Espanha em troca dos Sete Povos das Missões, território indígena localizado no interior do Rio Grande. Os índios, contudo, se sublevam e desencadeiam a Guerra Guaranítica, que os opõe aos exércitos de Portugal e Espanha, sendo a parte lusitana comandada por Gomes Freire, a partir do Rio de Janeiro. Toda a segunda metade do século XVIII é marcada por conflitos militares no Prata, e são as necessidades da guerra, mais do que o controle das minas (na época exploradas há mais de 60 anos), que levam o Marquês de Pombal, ministro forte do Rei D. José I, a transferir a capital do Brasil de Salvador para o Rio de Janeiro em 1763, logo após o falecimento de Gomes Freire.

Prova da preponderância do aspecto militar da mudança da sede colonial é a priorização dos vice-reis pelas obras militares na nova capital. Ao assumir o cargo de Vice-Rei, Antônio Álvares da Cunha dá continuidade à modernização das fortalezas da cidade (incluindo a Fortaleza da Ilha de Villegagnon) e constrói os Arsenais de Marinha e de Guerra do Rio de Janeiro.



Mapa feito pelo próprio Duguay-Trouin sobre o cruzamento da barra do Rio em 1711

O RIO DA CORTE – CENTRO NAVAL DE UM IMPÉRIO

A fuga dos Bragança para o Rio de Janeiro em 1808, devido às Guerras Napoleônicas, consolidaria o crucial aspecto militar-naval da cidade no Atlântico, muito antes pelos Correia de Sá. Como a fuga se deu a bordo dos navios da Marinha Portuguesa, o Rio de Janeiro passou a ser sua nova sede e, após a Independência, a sede da Marinha Imperial. Numa época em que as comunicações por terra eram extremamente precárias, seria esta Marinha que poria em prática todos os desígnios imperialistas dos Bragança na América e combateriam os desafios locais ao seu poder. O envio rápido de tropas e o bloqueio naval efetuados pela Esquadra seria a tônica da estratégia militar do Brasil desde a chegada de D. João até o fim do Império, como na invasão da Guiana Francesa e na anexação da Província Cisplatina.

Após a Revolução do Porto de 1820, D. João VI tenta protelar quaisquer decisões e só é realmente compelido a agir quando dois levantes militares no Rio de Janeiro (o primeiro o obriga a jurar de antemão a Constituição em elaboração pelas Cortes e o segundo, ao ameaçar uma radicalização do processo político, é

afogado em sangue por tropas comandadas por D. Pedro) o convencem de que o melhor é retornar a Lisboa. Os levantes do Rio, mais do que a Revolução do Porto, estão a guiar os rumos da monarquia portuguesa.

CONCLUSÃO - O BRASIL INDEPENDENTE

Após o Grito do Ipiranga, a Corte voltará a exercer seu papel centralizador através de projeção naval, em todos os conflitos do Império desde as lutas pela Independência até as revoltas do período regencial. O Rio de Janeiro firma-se assim como a sede do poder naval brasileiro por excelência, posto que exerceu durante os conflitos externos do Segundo Reinado contra as repúblicas platinas e mantém até hoje. Tal situação estendeu-se pela República e, a despeito da transferência da capital para Brasília, a preponderância militar continua, com a cidade abrigando uma grande parte dos contingentes das Forças Armadas.

Retornando às perguntas reflexivas feitas na Introdução, chega-se a conclusão de que, mesmo antes da descoberta do ouro, da transformação do Rio no principal porto da colônia e da transferência da capital, a cidade já exercia o papel de guardião da América Portuguesa, razão primeira da fundação de Salvador, que acabou por não exercer este papel muito tempo.

Tanto aspectos naturais quanto históricos contribuíram para isso, mas é fato que o Rio de Janeiro foi



Arsenal de Marinha em 1939

desenvolvendo uma tradição e uma concentração de forças militares ímpares no país. A transferência da capital do Brasil para a Guanabara apenas reconheceu o fato de que para Portugal e, depois, para o Brasil, fosse adequado e conveniente transformar esta cidade, a princípio apenas uma bela baía para reabastecimento, na Cidadela do Atlântico Sul.

BIBLIOGRAFIA:

Brasil 500 anos. (1999) Volumes 1, 2, 3, 4, 5 e 6, ABRIL. São Paulo.

Em busca de um Rio perdido. Jornal O GLOBO. (2001) Caderno Especial. 1ª Edição. Acessado a 26 de abril de 2011 em: <http://www.aarffsa.com.br/noticias2/01031155.html>

ENDERS, A. (2008). A História do Rio de Janeiro. 2ª edição, GRYPHUS. Rio de Janeiro.

FERNANDES, F. L. (2008). A feitoria portuguesa do Rio de Janeiro. Acessado em: 26 de abril de 2011, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742008000100010

GOMES, L. (2007). 1808. 1ª edição, PLANETA DO BRASIL. Rio de Janeiro.

História do Rio de Janeiro. Acessado a 13 de agosto de 2011, em <http://www.rio-turismo.com/historia.htm>

MOREIRA, J. B. (2009). Rio de Janeiro, Cidade Maravilhosa, Sua História e Seus Encantos. Acessado a 13 de agosto de 2011 em: <http://www.marcillio.com/rio/>